

3.1.2 Contos de fadas e a Base Nacional Comum Curricular: reflexões sobre a formação da criança.

CANTO, L, G¹; BASEIO, M, A, F²

COMO CITAR O ARTIGO:

CANTO, L.G.; BASEIO, M.A.F. **Contos de fadas e a Base Nacional Comum Curricular: reflexões sobre a formação da criança..** URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.11, n.1, p. 65-85 , jan/2021.

RESUMO

¹ Luana Grohe Canto, Mestranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro - Unisa. Pós-graduada em Arte-educação pela Faculdade Paulista de Artes. Graduada em Administração e Pedagogia pela Universidade Santo Amaro. Docente e coordenadora adjunta do curso Pedagogia Ead da Universidade Santo Amaro. luagcanto@gmail.com

² Pós-doutora em Estudos Portugueses e Lusófonos no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga, Portugal; Doutora em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Professora do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas – UNISA- SP, Brasil e da Faculdade Rudolf Steiner – SP, Brasil. mbaseio@uol.com.br

Os contos de fadas compõem um mundo de encantamento, beleza, magia e são tramados por enredos repletos de imagens que contribuem para a formação da criança. O objetivo deste estudo é analisar como os contos de fadas, ao serem narrados na primeira infância, podem promover experiências que permitam que a criança faça descobertas sobre si mesma e sobre os outros, considerando as propostas sobre os campos de experiências estabelecidos pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. As pesquisas bibliográfica e documental norteiam a construção metodológica desta investigação, tendo como referencial teórico os estudos do imaginário na perspectiva do Carl Jung e Marie-Louise Von Franz para analisar as contribuições investigativas acerca dos contos de fadas para a formação da criança, relacionando-as com os campos de experiências apontados nas diretrizes curriculares da Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave: Contos de fadas, imaginário, BNCC

ABSTRACT

The fairy tales form a world of enchantment, beauty, magic and are reasoned by plots full of images that contribute to the discovery of the child's identity and the formation of human being. This study aims to analyse how fairy tales, when narrated in early childhood, can promote experiences that allow the infant to make discoveries about themselves and about others, considering the proposals on the fields of experience established by the guidelines of the Base Nacional Comum Curricular (National Common Curricular Base). The bibliographic and documentary research guide the methodological buldy of this investigation, taking by theoretical references the studies of the imaginary from the perspective of Carl Jung and Marie-Louise Von Franz to analyze the investigative contributions about fairy tales for the formation of the child relating them to the fields of experience indicated in the curricular guidelines of the Base Nacional Comum Curricular.

Keyword: fairy tales, imaginary, BNCC

Introdução

A primeira etapa da educação básica é decisiva para a formação pessoal e social da criança, como indivíduo criativo, crítico e cooperativo. As instituições de educação pré-escolar devem proporcionar momentos que sejam diversificados, que enriqueçam e aumentem as possibilidades de a criança adquirir competências e saberes que a acompanharão ao longo de toda a vida. É ainda responsabilidade da instituição escolar e também dos educadores da primeira infância promover um contato direto com a literatura.

Na primeira infância, as aprendizagens ocorrem por meio da brincadeira e das interações. A Base Nacional Comum Curricular³ propõe que a criança, nesta etapa do ensino, tenha condições de aprender e de se desenvolver a partir das experiências, caracterizadas pelas ações e interações vivenciadas com os indivíduos de seu convívio. Será que, ao narrar contos de fadas no ambiente educacional, é possível promover o desenvolvimento dos campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular? De que maneira essas narrativas contribuem para a formação da criança?

O objetivo deste estudo é analisar como os contos de fadas, ao serem narrados na primeira infância, podem promover experiências que permitam que a criança faça descobertas sobre si mesma e sobre os outros, considerando as propostas dos campos de experiências estabelecidos pelo documento legal analisado.

³ A Base Nacional Comum Curricular, definida na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), é um documento oficial que norteia os currículos e propostas pedagógicas dos sistemas e rede ensino do Brasil. O documento correspondente às etapas educação infantil e ensino fundamental foi homologado em 2017 e passou a ser implementado em 2018.

Neste artigo, explicitamos discussões de cunho teórico-metodológico que articulam os estudos do imaginário, na perspectiva de Carl Jung e Von Franz, relacionando-os com os campos de experiências apontados nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, a fim de investigar as contribuições acerca da narração de contos de fadas para a formação da criança.

1. Contos de fadas, imaginário e formação da criança

Primeiramente, é importante fundamentar um conceito de literatura, pois muitos autores concebem essa arte apenas em sua forma escrita. Sabemos que os contos de fadas, embora hoje sejam reconhecidos em livros, originalmente tiveram uma matriz oral. Nesse sentido, compartilhamos com Antonio Candido a compreensão tratada no livro *Vários escritos*:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2002, p. 174-5)

E continua o autor (1999), literatura significa:

Um certo tipo de função psicológica [...]. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como o indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isso ocorre no primitivo e no civilizado, na

criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. (CANDIDO, 1999, p. 82)

Conforme apresentado por Candido, a literatura é acolhida tanto no aspecto da oralidade, quanto da escrita, e pode ser analisada na perspectiva do imaginário associado ao âmbito psicológico.

Os contos de fadas, segundo Nelly Novaes Coelho (2003), são histórias de origem celta que valorizam questões espirituais, éticas e existenciais e que têm, como propósito, compreender os fenômenos que estão relacionados à condição da vida humana e ao conhecimento interior do indivíduo. Complementando, Nelly Novaes Coelho (2003, p. 21) descreve: “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”. São narrativas que possuem enredos repletos de mitos, arquétipos e símbolos, cujas representações podem ser estudadas, entre outras perspectivas, por meio da psicologia analítica junguiana, que constitui nossa proposta.

A partir do estudo sobre os contos de fadas, Jung afirma:

Os contos de fadas, do mesmo modo que os sonhos, são representações de acontecimentos psíquicos. Mas enquanto os sonhos apresentam-se sobrecarregados de fatos de natureza pessoal, os contos de fadas encenam dramas da alma, com materiais pertencentes em comum a todos os homens. [...] Mitos e contos de fadas dão expressão a processos inconscientes e, ao escutá-los, permitimos que esses processos revivam e tornem-se atuantes, restabelecendo, assim, a conexão entre consciente e inconsciente. (JUNG, 2013, p. 257)

Em consonância, Von Franz (1981 p. 15) aponta que “os contos de

fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo [...] eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa”. Ou seja, os contos, além de entreter, refletem vários tipos de questões, entre elas as existenciais e as sociais produzidas e reproduzidas pelo ser humano.

No livro *A interpretação dos contos de fadas*, a teórica destaca que é importante observar, em uma história, os seguintes pontos: lugar, tempo, personagens, problemática, desenvolvimento da trama e o desfecho da narrativa. A partir dessas observações, é possível analisar as imagens arquetípicas e, conseqüentemente, o processo de manifestação dessas imagens ancestrais presentes no inconsciente coletivo. Sobre isso, a autora faz a seguinte consideração:

[...] todos os contos de fadas tentam descrever apenas um fato psíquico, mas este fato é tão complexo, difícil e distante de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões (com variações musicais), são necessárias até que esse fato desconhecido penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema. Este fato desconhecido é o que Jung chama de *SELF*, que é a totalidade psíquica de um indivíduo e também, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo. Cada indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica. (FRANZ, 1981, p.16)

Para entender o significado de mitos, símbolos e arquétipos presentes nos contos de fadas, auxilia-nos as ideias de Nelly Novaes Coelho (2003, p. 85) ao afirmar: “mitos nascem na esfera do sagrado; arquétipos correspondem à esfera humana e símbolos pertencem à esfera da linguagem, pela qual mitos e arquétipos são nomeados e passam a existir como verdade”. Mitos e arquétipos compõem a matéria-prima das narrativas dos contos, ou seja, as representações e os

símbolos incorporam a linguagem a ser expressa, tornando as histórias comunicáveis e significativas para o ouvinte ou leitor.

As imagens míticas, engendradas nos contos por meio de uma linguagem simbólica, podem expressar forças da natureza (sol, chuvas, tempestades, noite), nascimentos, doenças, mortes, circunscrevendo situações existenciais associadas à esfera do sagrado. Nelly Novaes Coelho (2003, p.88) afirma: “o Mito (a criação literária), construído pela imaginação, responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, zona inabarcável pela inteligência”.

Os arquétipos representam os impulsos irracionais que emergem do inconsciente, mobilizando as atitudes e o comportamento humano. Para Jung, “os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma” (2002, p. 179) e, para von Franz (1981, p. 17), “um arquétipo é um impulso psíquico específico que produz seus efeitos como um único raio de irradiação e, ao mesmo tempo, um campo magnético expandindo-se em todas as direções”.

Referindo-se aos arquétipos, representados por figuras ou personagens, Nelly Novaes Coelho (2003) acrescenta:

Limitando-nos à esfera da literatura, podemos definir arquétipos como representações das *grandes forças* ou *impulsos da alma humana*: o instinto de sobrevivência, o medo, o amor, o ódio, o ciúme, os desejos, o sentimento do dever, a ânsia de imortalidade, a vontade de domínio, a coragem ou heroísmo, o narcisismo, a covardia, a inveja, o egoísmo, a luxúria, a fé (necessidade de crer num Ser Superior ou num Absoluto), a profunda ligação com a Mãe (o Feminino, a *Anima*), o respeito ou temor ao Pai (o Masculino, o *Animus*), a rivalidade entre irmãos[...] (COELHO, 2003, p.92)

Os símbolos associados aos mitos e arquétipos dão origem à linguagem simbólica, ou seja, uma forma de comunicação por meio de figuras ou imagens, que se expressam por meio do imaginário. Nessa perspectiva, Coelho (2003) relata:

Foi pela transformação dos mitos e arquétipos em *linguagem simbólica*, pois sem esta eles não existiriam, que a Sabedoria da vida neles contida, pôde difundir por todo o mundo, transformada em contos (de fadas ou maravilhosos), em novelas de cavalaria, lais, romances, cantigas[...] (COELHO, 2003, p.94)

O fundo arquetípico presente nos contos representa sentimentos complexos e organizados, passível de compreensão pelas crianças. Os arquétipos presentes nos contos mostram que é natural ter sentimentos bons e pensamentos destrutivos. Por meio dos enredos das histórias e seus respectivos personagens, é possível exteriorizar o que se passa no interior do indivíduo, possibilitando o autoconhecimento, promovendo uma solução de conflitos internos e proporcionando melhor comunicação com o mundo.

Reis, rainhas, príncipes, fadas bruxas, duendes, objetos mágicos, profecias, obstáculos, ameaças, auxiliares, provas quase impossíveis de serem vencidas são símbolos de situações arquetípicas: vivências éticas, sociais, existenciais etc. que vêm sendo revividas desde a origem dos tempos, sob diferentes formas, em virtude do desejo de autorealização do *eu* em relação ao outro (ao mundo) que impulsiona o ser humano. (COELHO, 2003, p. 117)

Os contos de fadas perderão o valor para a criança se os significados não forem construídos por ela. Afinal, é por meio dos

contos, em razão da linguagem simbólica, que ela começa a entender o sentido da sua existência e fazer relações com as suas próprias vivências. Com o amadurecimento, ela passa a compreender que as narrativas promovem um diálogo com a sua realidade e com os respectivos valores presentes no seu meio social.

Os símbolos e arquétipos presentes nestas narrativas ajudam a criança nos processos de descoberta e de conhecimento de si, além de incentivá-la a nunca perder a esperança, ter coragem, enfrentar os medos e inseguranças, ter atitudes de solidariedade, de bondade, de amor e de compreensão de que o bem pode vencer o mal.

Von Franz afirma:

Quando se conta histórias de fadas para as crianças, elas se identificam ingênua e imediatamente e captam toda a atmosfera e sentimento que a história contém. Se a história do patinho é contada, todas as crianças que têm complexo de inferioridade esperam que no fim elas também se tornem uma princesa. Isso funciona exatamente como deveria ser; o conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida. (FRANZ, 1981, p. 74)

As narrativas abordam o processo de transformação, de mudança, de encarar medos e desafios. A criança também passa pelo mesmo processo no decorrer de sua vida. Para Bettelheim (1996), embora, situado em outra abordagem teórica, os contos proporcionam à criança uma maneira de colocar ordem no caos interno de seus pensamentos e sentimentos, fazendo com que ela se conheça e se entenda melhor. Por isso, essas narrativas, por meio do imaginário, provocam na criança

reflexões sobre o seu cotidiano e auxiliam no enfrentamento de suas dificuldades e fragilidades.

Questões relacionadas a valores éticos e morais podem ser despertadas por meio dos contos de fadas. É importante trabalhar estes valores com as crianças da primeira infância, por se tratar de uma fase em que a construção da personalidade está em processo de formação e estes aspectos, ao serem trabalhados por meio dos contos de fadas, podem contribuir para o estímulo da conduta ética e da valorização da condição humana.

As narrativas dos contos de fadas promovem uma reflexão sobre a vida, oferecendo à criança possibilidades de resolução de seus conflitos internos, de suas angústias, impasses, criando e recriando situações que a auxiliam na realização de seus desejos e objetivos. Coelho (2003, p. 118) afirma:

é simplesmente fascinante o caminhar em meio a essa floresta de arquétipos que são os contos de fadas e descobrir os mil e um significados do rei, de heróis, princesas, sapos e rãs encantados, cabelos, anéis, madrastas, ilhas gigantes e anões, fadas [...].

A linguagem utilizada nessas narrativas é permeada pelo maravilhoso, de maneira que o sobrenatural se revela aceito com naturalidade pela criança. Habitualmente, as tramas iniciam com as seguintes frases “Era uma vez”, “Certa vez”, “Conta uma antiga lenda”, “Num certo castelo”, que convidam a abandonar o mundo concreto para ingressar no imaginário, permitindo, assim, que a criança faça parte da história como se estivesse vivenciando as aventuras, despertando seus sentidos e emoções, além da motivação de ouvir, ler e reler as narrativas. Sobre este pensamento, Dieckman afirma:

“Era uma vez”. Assim começam geralmente para nós a maioria dos contos de fada, e então eles nos levam de volta a tempo distante e desde muito passado, no qual acontecem coisas extraordinárias, impossíveis para o pensamento racional, e aí existem monstros, bruxas, fadas e mágicos ou animais falantes. (DIECKMAN, 1986, p.14).

Tudo isso dialoga com a forma simbólica de linguagem e de compreensão da vida que a criança apresenta. Para ela, o mundo encantado, experienciado nas histórias, permite que ela faça uma busca do seu interior ao mesmo tempo em que estabelece contato com o meio social em que vive.

Os contos, também, dimensionam valores sociais e morais, principalmente do bem e do mal. Essa abordagem é de extrema importância para a formação da criança, tanto de seu caráter e personalidade, quanto de sua sociabilidade, pois está associada a comportamentos e atitudes que poderão impactar, de forma positiva ou negativa, a compreensão de si e de sua convivência social.

Os contos de fadas reinscrevem, com a linguagem do imaginário, a luta contra os obstáculos da existência humana. As dificuldades são inerentes à vida, contudo lutar para superá-las, sem ferir ao próximo é a maior vitória que podemos alcançar. Esta perspectiva está ligada à construção de valores morais e éticos, que são fundamentais para o desenvolvimento social da criança. O conceito de ética⁴ aqui apresentado está associado aos valores morais constituídos pelo homem e seu comportamento social em relação ao próximo, diante da sociedade em que vive.

Ainda no âmbito da educação, os contos, além de entreter as crianças, podem orientá-las e educá-las. Eles exercem papel importante

⁴ Segundo a obra aristotélica *Ética a Nicômaco*, ética é a arte de o indivíduo saber viver na dimensão social, agregando valores e respeitando o próximo (1991).

na sua formação, pois, conforme ela cresce, descobre novas perspectivas e isto lhe proporciona a certeza de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma história passa a revelar-lhe uma série de fatos novos, fazendo-a refletir sobre os medos, angústias e compreender que é possível superar os obstáculos e vencer as incertezas, como os personagens das histórias. Em consonância, Von Franz afirma: “O estudo dos contos de fadas é essencial para nós, pois eles delineiam a base humana universal”. (1981, p.38). Segundo a autora, por meio dessas narrativas, é possível analisar entrar em contato com estruturas psíquicas básicas humanas, que estão presentes em pessoas de qualquer parte do mundo e em qualquer tempo. Para ela: “É uma linguagem que todos entendem”.

Entretanto, é importante salientar que a literatura oferece essa possibilidade de reflexão, aprendizagem e de vivência dessa fantasia, porém, para que os sonhos se concretizem na vida real, é necessário ter atitudes e comportamentos que façam acontecer. Com Nelly Novaes Coelho, reiteramos a seguinte afirmação:

É simplesmente fascinante o caminhar em meio a essa floresta de arquétipos que são os contos de fadas e descobrir os mil e um significados do rei, de heróis, princesas, sapos e rãs encantados, cabelos, anéis, madrastas, ilhas, gigantes e anões, fadas, bruxas, rainhas estereis, concepções mágicas etc. Mas não podemos esquecer que na vida real não existem fadas nem madrinhas que venham realizar por magia aquilo que não temos vontade de fazer. (COELHO, 2003, p. 118)

Ou seja, a literatura promove, por meio do imaginário, a formação de consciência de mundo e funciona como uma inspiração para compreender a experiência humana, mas é de suma importância que o

indivíduo, ao vivenciá-lo, desenvolva atitudes na vida pessoal e social.

Desse modo, os contos de fadas propiciam à criança experiências importantes por meio da linguagem simbólica engendrada nas teias do imaginário. Além de proporcionar uma ampliação do repertório de conhecimentos, oportuniza sua formação para a vida individual e em sociedade.

2. Contos de fadas e educação: reflexões em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

No ambiente educativo, a contação de histórias não é vista apenas como recurso recreativo. Trata-se de uma atividade valiosa pedagogicamente e, quando bem utilizada e trabalhada, pode ser muito proveitosa, proporcionando à criança múltiplas aprendizagens. “Ao contarmos um conto é como se estabelecêssemos uma ponte entre as imagens do conto, as nossas de contador e as do mundo interior da criança”. (BONAVENTURE, 1992, p. 19)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, documento oficial vigente no Brasil a partir 2010, abordam eixos norteadores para a construção desse nível de ensino. Entre os objetivos mencionados estão as condições que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (BRASIL, 2010, p. 26).

Também é mencionada, neste documento, a capacidade de criar condições que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com

diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2010, p. 26). Com isso, é possível observar que as diretrizes curriculares proporcionam orientações que direcionam o trabalho do professor de maneira que cabe a ele relacionar a literatura infantil com conteúdos, recursos pedagógicos e vivências do cotidiano do aluno.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento oficial mais recente que define as diretrizes para os currículos escolares. Considerando que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças se dão por meio das interações e brincadeiras, pode-se compreender que a literatura se apresenta como importante conhecimento para desenvolver métodos e vivências que envolvam os alunos no ambiente escolar.

A organização curricular da Educação Infantil na BNCC foi estruturada em cinco campos de experiências, que asseguram à criança os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

Os campos de experiências propostos pela BNCC são: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Eles se formam a partir das vivências e dos saberes vividos no cotidiano da criança.

A seguir, serão apresentados os objetivos de cada campo de experiência:

Eu, o outro e o nós: propõe vivências que permitam que a criança desenvolva a construção da própria identidade e a construção das relações com os seus pares, além de ampliar a possibilidade de se conhecer e conhecer o outro, respeitando as diferenças.

Corpo, gestos e movimentos: possibilita a exploração do espaço, dos sentidos, dos movimentos dos corporais que produzem conhecimento e experiências sociais e culturais.

Traços, sons, cores e formas: proporciona o contato com as experiências estéticas, permitindo que a criança vivencie expressões e linguagens.

Escuta, fala, pensamento e imaginação: promove experiências de comunicação, explorando o uso da linguagem oral e escrita. Neste campo, o uso da literatura como recurso pedagógico se faz muito presente.

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: permite que a criança explore o mundo físico externo e o mundo sociocultural, proporcionando a ela o estímulo da curiosidade e a experiência de explorar o mundo ao seu redor.

Embora a BNCC proponha a prática da literatura apenas no campo de experiência denominado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, é possível verificar que os outros campos também apresentam à criança, possibilidades de aprendizados e desenvolvimento de experiências ao ouvir essas narrativas, conforme veremos a seguir:

No que se refere ao campo “Eu, o outro e o nós”, entendemos que, ao ouvir contos de fadas, a criança pode viajar no mundo da fantasia e encontrar múltiplos significados para os símbolos presentes nas histórias e relacioná-los com sua própria vida e com a vida de seus pares, possibilitando que ela faça descobertas sobre sua identidade e sobre o meio em que convive.

Quanto ao campo “Corpo, gestos e movimentos”, nota-se que, ao utilizar a dramatização para narrar contos de fadas, a criança pode interagir com a história, fantasiando-se e vivenciando o drama de seus personagens favoritos. Essa atividade permite que ela explore o movimento do corpo, a expressão dos gestos, dos sentimentos e dos sentidos.

No que se refere ao campo “Traços, sons, cores e formas”, observa-se que a criança, ao ter contato com os contos de fadas em livros ou outros suportes, desenvolve o gosto pela arte da palavra, aguça a criatividade, a imaginação e a sensibilidade estética, além de experienciar o contato com as linguagens artísticas visuais. Ao solicitar que a criança proponha novos direcionamentos para os enredos das histórias, com novos desfechos, com a expressão em novas semioses, ela tem a oportunidade entrar no mundo da fantasia, criar e recriar.

No que concerne o campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, ao promover rodas de conversa sobre as histórias dos contos de fadas, é estimulada a capacidade de diálogo entre as crianças. Essa proposta pedagógica promove o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e socioculturais, pois as crianças aprendem a ouvir, a entender como o outro pensa e a respeitar limites de espaço e tempo. Neste campo, é possível promover, também, o contato físico com os livros, permitindo o desenvolvimento da experiência de manipular objetos, explorar texturas, novas materialidades e fazer descobertas.

Relacionando a experiência com a literatura, a BNCC afirma: “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do

gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2017).

Sobre a experiência, vale retomar as ideias do autor Jorge Larrosa, que diz:

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente então se converte em canto. (LARROSA,2020, p.10)

Nessa perspectiva, um fator importante que pode ser salientado entre os campos de experiências é o da intencionalidade educativa, que permite valorização da compreensão do indivíduo, do grupo e das relações. Sobre isto, a base destaca:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BNCC, 2017, p. 35)

A BNCC propõe práticas que unem a língua e a literatura, respeitando sempre a situação em que se encontra o aluno, criando condições de trabalhar o texto literário de maneira que possa desenvolver enriquecimento cultural e humanizador.

Considerações finais

As aprendizagens ocorrem por meio das interações e das vivências no cotidiano escolar da criança, como propõe a Base Nacional Comum Curricular, ao sugerir práticas pedagógicas que estabelecem fundamentos metodológicos para sua formação. Ao propor aos educadores a experiência com a literatura, possibilita que a criança adquira conhecimento de mundo, além de assegurar uma formação socioemocional.

Por meio das experiências vivenciadas nos contos de fadas, a criança realiza uma leitura de si e do outro em vários níveis. Muitos portais são abertos para vivificação de verdades humanas, às vezes ocultas e armazenadas no inconsciente coletivo, trazendo significados e valor simbólico para os dilemas existenciais. Essas narrativas guardam valores cuja apreensão permite à criança uma percepção do real em suas múltiplas significações presentes no mundo social.

A magia que reveste o imaginário nas narrativas dos contos de fadas fascina porque cria diálogo com o vivido, o que faz muito sentido para a vida real e afetiva das crianças, trazendo ensinamentos imprescindíveis sobre a condição humana.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf> Acesso em: 30 de outubro de 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 1)

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 1996.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/2N1KJOW>>. Acesso em: 02 de abril 2020

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora Global, 2004

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. Ed. São Pulo: Global. 2001.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 05/11/20

_____. O direito à leitura. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 6.ed. rev. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1995.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fadas vividos**. trad. Elisabeth C.M. Jansen. São Paulo: Paulinas, 1986.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 1981.

_____. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1999.

JUNG, C.G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1912).

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012.